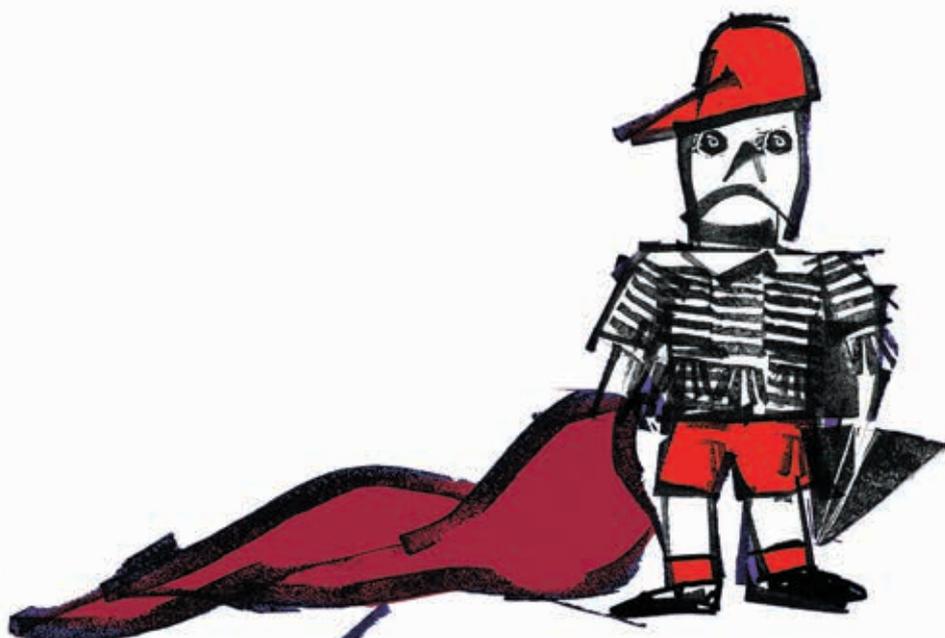


O QUE CABE NUM LIVRO?

Ilan Brenman

Resenha

Em uma obra em que texto e imagem possuem a mesma importância, Ilan Brenman e Fernando Vilela evocam imagens bastante diversas, que remetem tanto ao universo humano quanto ao mundo animal, para explorar o mote metalinguístico proposto pelo título: *O que cabe num livro?* A obra opta por dialogar diretamente com o leitor por meio de imagens visuais e textuais, ao invés de propor uma narrativa. Em um jogo sutil, autor e ilustrador nos apresentam, uma após a outra, imagens que sinalizam a diversidade imensa das coisas que podem “caber” dentro das páginas de um livro. De modo lúdico e singelo, a obra procura fazer com que o leitor se dê conta de que o livro é um objeto de limites elásticos e imensuráveis, capaz de guardar uma infinidade de imagens de mundo dentro de si: o espaço da página, afinal, é muito mais amplo do que suas dimensões físicas.

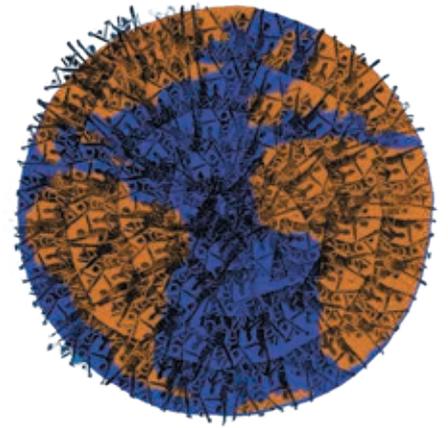


© Fernando Vilela



Coordenação:
Maria José Nóbrega

Folheando essa obra, é possível observar tanto o voo de um avião de papel quanto o decolar de uma aeronave a jato; tanto uma enorme baleia quanto uma diminuta joaninha; o giro de uma roda de carro e uma roda-gigante, a intimidade de uma família humana e as dimensões colossais dos extintos dinossauros. Aquilo que permite que algo caiba num livro nada tem a ver com as suas dimensões reais: é a imaginação e o processo de criação de seus autores que tecem recortes de mundo vislumbrados a cada página. Como afirma o texto da quarta capa, “não há limites nas páginas desse objeto”, característica intrigante e fundadora do universo literário. As belas ilustrações de Fernando Vilela, criadas com carimbos de borracha, contribuem muito para dar unidade e dinâmica à obra.



Depoimento

De Maria Fernanda Silva Pinto,
professora e mãe

Foi imediato. Mal acabei de ler o título do nosso novo livro e ela exclamou:

– Tudo! Cabe tudo, mãe.

Sorri largamente.

– Então vamos ver tudo o que cabe? – Falei, como quem já se põe mecanicamente à frente da leitura.

Mas, parece que aquele era mesmo um dia de novidades. De algum jeito, que não sei descrever bem, Dandara reposicionou seu corpo, tirou o livro das minhas mãos e passou a conduzir aquele momento. Minha surpresa ainda aumentaria um pouco mais quando ela se pôs a ler as ilustrações.

Que satisfação ela mostrava em dominar a leitura sem a minha mediação. Era como se Dandara tivesse se afirmado leitora. Leitora mesmo, não ouvinte. Ela estava ali, na minha frente, na

imensidão dos seus 5 anos, deixando claro que guarda dentro de si milhares de reflexões sobre nossas leituras e sobre os livros da nossa casa.

Visivelmente, ela se deleitava com a riqueza das imagens produzidas por Fernando Vilela. São realmente bonitas! Tem texturas, profundidade. Logo vi uns dedinhos querendo senti-las, como se os olhos tivessem antecipado boas sensações que agora iam lhe tomando as mãos. Mais tarde, quando a pequena descobriu que os desenhos eram carimbos de borracha, começou a matutar como produziria os próprios carimbos. Me dei conta, então, de que ela estava buscando criar a própria escrita.

Daí tive uma ideia que me deixou orgulhosa. Lembrei da brincadeira que fazia quando pequena com decalque de folhas. Era simples. Bastava coletar folhas e flores pela rua, na frente da casa de minha infância, colocá-las debaixo de um papel e usar um giz para ir criando composições a partir daquelas formas da natureza. Aliás, acho mesmo que foi a poesia de Mario Quintana que me abriu essas portas da memória. Puxa, como gosto de epígrafes!

Mas, nesse momento, outras portas se abriram. A da casa, do portão da rua. Caminhamos, sentimos o sol e coletamos muitas folhas diferentes. Primeiro, as folhas continuavam folhas nos desenhos. Depois viraram um dinossauro e uma juba de leão. Depois, uma semente deu lugar a uma pulga e seu trapézio. Uma espada-de-são-jorge realizou-se em toda a sua potência em uma girafa, enquanto uma samambaia descobria sua vocação para lagarta. Foi uma farra!

Num livro? Cabe outro livro. Uma memória da infância. Uma tarde de sol. Cabem sorrisos. Às vezes, o medo. Cabe aprender que não se sabe tudo. Cabe ver a grandiosidade de uma criança. Acho que ela tem mesmo razão. Cabe tudo. Que bom, não é?

Um pouco sobre o autor

Ilan Brenman tem um amor profundo pelas mais diversas narrativas. Esse afeto está ligado diretamente à origem do autor, pois ele é israelense, naturalizado brasileiro, filho de argentinos, neto de poloneses e russos. Psicólogo de formação, Ilan é mestre e doutor pela Faculdade de Educação da USP, já ministrou centenas de cursos e palestras pelo país afora, sempre discutindo a importância das histórias lidas e contadas oralmente na vida de bebês, crianças, jovens e adultos. Possui mais de 50 livros publicados (além de vários no exterior), entre os quais *Até as princesas*

soltam pum (Brinque-Book, 2008), seu *best-seller*. Muitas das suas obras ganharam selos de Altamente Recomendável da FNLIJ, além de participarem do catálogo da Feira de Bolonha, na Itália. Em 2019, tornou-se autor exclusivo da Editora Moderna. Para saber mais sobre o autor, acesse: <www.bibliotecailanbrenman.com.br>.

Leia Mais...

Do mesmo autor

- ✦ *A colecionadora de pedras*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *A dobradura do samurai*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *Depois do foram felizes para sempre*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *O mistério de Daniel*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *O pó do crescimento*. São Paulo: Moderna.

Do mesmo gênero e assunto

- ✦ *E o dente ainda doía*, de Ana Terra. São Paulo: DCL.
- ✦ *Rápido como o gafanhoto*, de Audrey Wood. São Paulo: Brinque-Book.
- ✦ *Pêssego, pera, ameixa no pomar*, de Ana Maria Machado. São Paulo: Salamandra.
- ✦ *O lagarto*, de José Saramago. São Paulo: Companhia das Letrinhas.

